

O LIVRO DO DESASSOSSEGO E A ESSÊNCIA LITERÁRIA DA ESCRITA

DIONÍSIO VILA MAIOR
UNIVERSIDADE ABERTA

Abstract – Based on Bernardo Soares' *Book of Disquiet*, I will reflect on several issues that I consider central to this work by this semi-heteronymous person: the problem of referentiality; the sense of freedom he finds in the literary sphere; the dialogue (central to this semi-heteronomous person) between the biographical self and the fictional self, taking into account above all the possibilities of reading that they imply on this relationship; the way in which the narrator Bernardo Soares fixes the (re)constitution of a self in the "autobiography without facts" as he himself identifies his *Book*; the deconstruction of the autobiographical; the daily complexion that ends up partially determining the process of representation of the *Book* - not identifiable, however, unilaterally with the indexed record of the empirical reality; its critical positioning in relation to a civilized context "emptied" of respect for each individual; the narrator's search for identity, which seeks to reconstruct himself through the aesthetic-literary vigor with which he constantly digresses on thematic nuclei initiated by anguish, skepticism, uneasiness, unrest; Bernardo Soares' position on literary writing as writing.

Keywords: Bernardo Soares; *Book of Disquiet*; literary representation; diary; writing.

Vejo-me no quarto andar alto da Rua dos Douradores, sinto-me com sono; olho, sobre o papel meio escrito, a vida vã sem beleza e o cigarro barato que esquecido estendo sobre o mata-borrão velho. Aqui eu, neste quarto, a interpelar a vida!, a dizer o que as almas sentem!, a fazer prosa como os génios e os célebres! Aqui eu assim!...
(Bernardo Soares, *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*, fragmento 6)

1. Referencialidade e diálogo realidade/ficção

Num texto não datado do *Livro do Desassossego*, Bernardo Soares, semi-heterónimo de Fernando Pessoa, escreve o seguinte:

[...] a Vida é tudo para mim por fora.
E, se o escritório da Rua dos Douradores representa para mim a vida, este meu segundo andar, onde moro, na mesma Rua dos Douradores, representa para mim a Arte. Sim, a Arte, que mora na mesma rua que a Vida, porém num lugar diferente, a Arte que alivia da vida sem aliviar de viver, que é tão monótona como a mesma vida, mas só em lugar diferente [...]. (LD fragmento 9)

Ainda num outro texto não datado, do mesmo *Livro*, confessa:

A arte livra-nos ilusoriamente da sordidez de sermos. Enquanto sentimos os males e as injúrias de Hamlet, príncipe da Dinamarca, não sentimos os nossos — vis porque são nossos e vis porque são vis.
[...] na arte não há desilusão porque a ilusão foi admitida desde o princípio (LD 270).

Evoco uma terceira citação de Soares, que integra um fragmento datado de 27 de julho de 1930, onde desenvolve uma breve reflexão sobre a ilusão da vida e a realidade da literatura; aí, diz:

Toda a literatura consiste num esforço para tornar a vida real. (LD 117)

De notar sobretudo o significado assumido nestas palavras por três ideias que importa desde já reter: por um lado, a que aponta para problemática da referencialidade, construída sobre o critério ontológico segundo o qual a obra artística, ou, no caso, o texto literário, faz referência ao real (àquele Outro de que nos falava Adorno [s/d, p.13]), sabendo-se desde logo que essa relação se estabelece (dialogicamente, di-lo-ia Bakhtine [1978, p.100]) pela alusão simbólica, ou pela interação entre a esfera ficcional e a referência histórica, em função da qual o texto literário existe, e da qual necessariamente depende — ainda que, como diz Bernardo Soares, ocupem “lugares diferentes”.

Esta ideia é complementada por duas outras: por um lado, a que decorre do confronto do autor, ou do leitor, com um poder singular da literatura: a possibilidade de, por ela, o autor ou o leitor se deixarem revestir pelo sentido de liberdade, já que a literatura, a literatura superior, ainda que perversamente obrigue ao reconhecimento da nossa própria tristeza, concede-nos liberdade, porque, como indicou Pessoa, “liberta da própria vida” (1986c, p. 26) — ou, como Bernardo Soares escreveu, “[...] livra-nos ilusoriamente da sordidez de sermos”. E o significado esta posição de Bernardo Soares parece-nos pertinente, uma vez que que ela assume no presente contexto uma tonalidade de sentido quase programático, por aquilo que implica a suspensão do julgamento de verdade empírica inerente às regras predefinidas de um pacto de leitura do texto literário. Nas palavras citadas de Bernardo Soares, registre-se, para além disto, uma última ideia: a que reenvia para o diálogo (central neste semi-heterónimo pessoano) entre o eu biográfico e o eu ficcional, nomeadamente para as possibilidades de leitura que sobre essa relação impendem, quando, no *locus* literário podemos encontrar aquela “beleza” “ornamentada” “ainda que mais não seja”, como diz, “com as sombras de nossos sonhos” (LD 307).

2. A lógica do esquecimento

Qualificando-se como um “sonhador exclusivamente”, cujo “hábito único de sonhar” lhe concedeu “uma extraordinária nitidez de visão interior” (LD 512-b), confessando que nunca escreverá “uma página que [...] [o] revele ou que revele alguma coisa” (LD 149), desvestindo-se do seu “próprio ser” e convertendo-se continuamente “na ficção de [...] [si] mesmo” (LD 456), prolongando em si “um perpétuo desenrolamento de imagens, conexas ou desconexas, fingindo sempre de exteriores” (LD 342), “contemplador indefinido e apaixonado das aparências e da manifestação das cousas” (LD 502-a), Bernardo Soares vai fixando, em jeito de aparência memorialística, a reconstituição de um *eu*, permitindo, desse modo, que a presença da linguagem se presentifique, e o presentifique (propondo-se, de certa forma, iludir um presente histórico de que repetidamente se ausenta). Por esse prisma se poderá, então, conceber o seu *Livro do Desassossego* — que qualifica não como um registo autobiográfico, antes como “impressões sem nexos”, como “autobiografia sem factos”, ou como “a [...] [sua] história sem vida” (LD 12) — como um conjunto de fragmentos textuais por onde um narrador se vai revelando em construção, na apreensão de experiências (reais, ou imaginadas) julgadas por si importantes. Por essa ótica, portanto, o narrador é seletivo, na sua construção parcelária de sentidos, interpelando zonas lembradas, ou imaginadas (mas também zonas

de silêncio e esquecimento). Contudo, por outro lado, vai destruindo o engano da memória, já que, efetivamente, o *Livro do Desassossego* é um livro não para recordar ou recuperar o vivido, antes para esquecer a vida. Nesse sentido, se bem que servindo uma dinâmica constitutiva da identidade do seu narrador, incorpora uma lógica do esquecimento: “Escrever é esquecer”, recorda; e a literatura “é a maneira mais agradável de ignorar a vida”, porque a “simula” (LD 116).

Naturalmente que não se trata aqui de apontar o cunho memorialístico do *Livro*, que, na sua essência, definitivamente, não possui, quando por tal cunho se pode de igual modo entender: a construção/reconstrução de imagens de um passado vivido para construir o presente e projetar o futuro, apadrinhando-se nesse gesto a procura de um sentido de coerência de um *eu* (ou de uma comunidade); a relação, concreta, real, do eu com os outros, vivida num contexto histórico, geográfico, social; o distanciamento do sujeito de si mesmo para se retratar no passado, recorrendo com variável justeza à anotação calendarística no seu grau de retrospeção, ou outorgando a esse texto de perfil tão próprio a veracidade mais vivencial do que documental, na qual o carácter inventivo da memória vai emergindo aqui ou ali (e como a imaginação e a ficção são importantes para a construção do discurso memorialístico!).

É certo que o *Livro do Desassossego* se trata de um projeto em aberto e sem ordem: constituído inicialmente por apenas cerca de 300 textos dentro de um envelope com a indicação “Livro do Desassossego” (os restantes têm sido recolhidos e elaborados editorialmente), o *Livro* nunca foi organizado por Pessoa com o objetivo de ser publicado como um livro organizado (“[...] tudo fragmentos, fragmentos, fragmentos”, revela a Armando Cortes-Rodrigues, em carta datada de 19 de novembro de 1914). Não menos certo é ainda o facto de o *Livro do Desassossego* se integrar numa tradição de diários filosóficos e memórias confessionais, no âmbito de um universo literário formado por nomes como Amiel, Montesquieu, Joubert, Schleiermacher, Vinet, Naville, Eduard von Hartmann, Cherbuliez, Guérin, Rousseau, Chateaubriand... (Jackson 2014, p. 23 ss). E é de igual modo verdade que Bernardo Soares aborda em ritmo fluutuável a sua cidade de Lisboa, o Tejo, a Baixa lisboeta, as suas rotinas quotidianas, as viagens, os passeios, o trabalho no escritório, algumas vivências quotidianas onde por vezes comparecem as figuras do Patrão Vasques e de alguns colegas de escritório, sintonizando por esse lado a sua escrita com a documentação de um determinado *real*. Porém, ainda que parcas, essas referências, regidas poeticamente por um narrador que se apresenta como “transeunte incógnito” (LD 265), encontram-se disfarçadas pelas descrições dos estados de alma desse “viajante incógnito” (LD 138), transformando-se, assim, a referência ao quotidiano em divagações e reflexões sobre essas divagações:

Devaneio entre Cascais e Lisboa. Fui pagar a Cascais uma contribuição do patrão Vasques, de uma casa que tem no Estoril. Gozei antecipadamente o prazer de ir, uma hora para lá, uma hora para cá, vendo os aspectos sempre vários do grande rio e da sua foz atlântica. Na verdade, ao ir, perdi-me em meditações abstractas, vendo sem ver as paisagens aquáticas que me alegrava ir ver, e ao voltar perdi-me na fixação destas sensações. Não seria capaz de descrever o mais pequeno pormenor da viagem, o mais pequeno trecho de visível. Lucrei estas páginas, por olvido e contradição. (LD 16)

O que para já nos parece significativo realçar em relação a esta problemática são os procedimentos de que o narrador do *Livro* se serve para enunciar uma atitude oscilante, assim se esboçando uma discursividade literária que vacila entre uma atitude que confina, ao mesmo tempo, quer com a escrita poética de uma memória específica e de uma indexação diarística do sujeito a um real particular, quer com a desconstrução do autobiográfico, quer ainda com a busca identitária do narrador. E aquela discursividade acentua-se ainda mais se tivermos em conta o perfil metafórico com que o narrador

Bernardo Soares configura os seus estados de alma, não deixando de se perceber aí um labor poético de algum labor esteticista.

3. A transvisão e a referência mental

Funcionando como elemento que, pela sua identificação com o tempo, reenvia para as noções de *transvisão* e de *resgate*, o discurso memorialístico acaba por se vincular de igual modo à ideia, fluida, de intemporalidade, facilitada pelo carácter fragmentário do poder da memória — sobretudo quando memória, narrativa e história não podem ser encaradas como caixas hermeticamente fechadas em si mesmas. O “olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê”, escrevia o poeta Manoel de Barros (1997, p. 75), encontrando o discurso memorialístico nessa transvisão a essência do poder da memória, pois o resgate do passado nunca o é totalmente, enquanto atitude cardinal da ativação de potencialidades estéticas esclarecedoras de uma condição fragmentária. Pela transvisão, é certo, vence-se o esquecimento, mas a memória acaba por mostrar-se sempre com um carácter inventivo, consumando-se sempre com uma aptidão imaginativa. É impossível retratar de forma completamente fiel um acontecimento do passado, já que a imaginação completa as lacunas, abrindo-se, então, esse passado a uma panóplia de possibilidades. Mas a memória do passado, esse lembrar o passado, faz permanecer algo; o passado torna-se um lugar que se faz presente, diluindo-se os limites entre espaço e tempo — qual Mnemosine que, suporte identitário da comunidade pela constante presentificação do passado e contínua pervivência da informação, apura a permanência de um vivenciar junto de uma singular intemporalidade.

Acontece, porém, que noutro contexto afirma Bernardo Soares que a saudade, a memória de um passado não é, efetivamente, a memória do acontecimento, mas a memória da emoção de um acontecimento (que não se repetirá): “Lembro-me”, escreve Bernardo Soares, “como do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez numa selecta o passo célebre de Vieira sobre o rei Salomão. “Fabricou Salomão um palácio...” E fui lendo, até ao fim, trémulo, confuso: depois rompi em lágrimas, felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar”; contudo, adverte pouco depois:

Não é — não — a saudade da infância de que não tenho saudades: é a saudade da emoção daquele momento, a mágoa de não poder já ler pela primeira vez aquela grande certeza sinfónica. (LD 259)

Mais do que o momento em causa, ou a circunstância do mesmo, o valor que aqui rege e sustenta poeticamente a noção de memória encontra-se centralizado no sentimento que essa circunstância evoca no narrador; e nessa luta contra a morte (simbólica) de um certo passado da sua infância, o que o narrador acrescenta são as propriedades de sentido que advêm desse momento. Até porque as referências de Bernardo Soares a alguns episódios do passado (evocando-o por impressões no presente) são sobretudo referências mentais como busca talvez da perpetuidade de si mesmo. E há de reparar-se que nunca há referências a datas, desenvolvendo-se os fragmentos evocados dentro de uma porta do tempo, que se encontra simultaneamente aberta e fechada:

A praia pequena, formando uma baía pequeníssima, excluída do mundo por dois promontórios em miniatura, era, naquelas férias de três dias, o meu retiro de mim mesmo. Descia-se para a praia por uma escada tosca, que começava, em cima, em escada de madeira, e a meio se tornava em recorte de degraus na rocha, com corrimão de ferro ferrugento. E, sempre que eu descia a escada velha, e sobretudo da pedra aos pés para baixo, saía da minha própria existência, encontrando-me. (LD 198)

Onde estão as informações precisas sobre o tempo em que ocorreram as férias? Terão, efetivamente existido essas “férias de três dias”? Não farão parte apenas da imaginação do narrador? Não se ajustarão à imaginação do mesmo narrador que, sem limites entre espaço e tempo, atravessa “a vida quotidiana sem largar a mão da ama astral”, abandonando-se “nas águas do sonho, como um barco de papel” e se “constela “às escondidas”, obtendo assim o seu “infinito” (LD 110)? Não concordará esta noção com o lastro representativo do suicídio do “empregado da tabacaria”, relatado pelo narrador, cuja memória se circunscreve não à figura desse empregado, mas, sim, ao pensamento que dele o narrador conservou? “Quando ontem me disseram que o empregado da tabacaria se tinha suicidado, tive uma impressão de mentira. Coitado, também existia! [...] Pensei uma vez, ao comprar-lhe cigarros, que enalveceria cedo. Afinal não teve tempo para enalvecer”; mas conclui inequivocamente o narrador: “É uma das memórias que me restam dele. Que outra me haveria de restar se esta, afinal, não é dele mas de um pensamento meu?” (LD 317)

4. A compleição diarística do quotidiano

Aceitando-se como evidentes as dominantes semânticas acima descritas, não será difícil admitir o reconhecimento, por parte do narrador do *Livro*, do ato de retrospeção (em maior, ou menor grau) que envolve os propósitos de, por alguma forma, querer recuperar um sentimento, ou “pensamento” de um facto que terá ocorrido. Esse reconhecimento poderá, entretanto, ser interpretado como o saldo lúcido de uma experiência estético-literária, cujas amplitudes e ressonâncias asseguram a representação de um narrador que deixa transparecer uma preocupação especificamente orientada para um entendimento do fenómeno literário — entendimento este que se compreende em articulação com a noção que esse mesmo sujeito tenha de fixação de uma anotação de compleição diarística do quotidiano. E, neste ponto, é significativo como Bernardo Soares aceita ambivalentemente a ocorrência de vida, quer como fator de consolação, quer como circunstância que lhe concede o beneplácito de, diria Blanchot (2005, p. 273), se amparar nesse quotidiano, fundamento, afinal, da escrita literária — em razão de, por exemplo, ser diante do “vasto céu estrelado” e da “noite do abismo incógnito” que se corporiza essa escrita: “ante tudo isto ó que escrevo” (LD 13).

Justamente o processo de produção estético-literária constitui, como se vê, um dos pontos mais importantes do *Livro*, cujo narrador — como a articulação com a escrita aparentemente solitária do diário permitiria entender (Blanchot 1962, pp. 19-20) — se vai desenrolando sobre si mesmo:

Vejo-me no quarto andar alto da Rua dos Douradores, sinto-me com sono; olho, sobre o papel meio escrito, a vida vã sem beleza e o cigarro barato que esquecido estendo sobre o mata-borrão velho. Aqui eu, neste quarto, a interpelar a vida!, a dizer o que as almas sentem!, a fazer prosa como os génios e os célebres! Aqui eu assim!... (LD 6).

Como quer que seja, esta referência obriga a considerar que as virtualidades estéticas decorrentes do processo de representação do *Livro* não devem ser identificáveis unilateralmente com o registo indexado da realidade empírica, ainda que esse registo seja autenticado pela presença de um *eu* (Cardinal 1990, p. 72). Do mesmo modo, isto não significa, obviamente, que o narrador não tenha em conta o sinal alteronímico da sua própria sensibilidade:

Estas páginas, em que registo com uma clareza que dura para elas, agora mesmo as reli e me interrogo. Que é isto, e para que é isto? [...] Não posso reler. De que me serve reler? O que está ali é outro. Já não compreendo nada... (LD 63)

Ora, a estas noções não é indiferente o modo como — quando funcionalmente indissociáveis da lucidez com que trabalha o material literário sobre o qual se debruça — Bernardo Soares considera as suas “confissões de sentir” (como acontece com a escrita diarística) como uma tentativa de prevenir a morte (LD 12), ou, perversamente, como fuga ao tempo real doloroso, desse tempo promotor de “uma dor enorme” por não mais lhe permitir ser o que foi, nem ter o que teve (LD 197). Bernardo Soares tem disso consciência, mas é, sem dúvida, igualmente em sintonia com essa percepção que se acaba por consolidar, por outro lado, a sua configuração de sujeito real em coerência com o *facto* real, dele sempre decorrendo; no *Livro*, não havendo um desejo explícito de marcar fortemente o tempo, vão comparecendo, contudo, alguns indicadores temporais — a rua dos Douradores, o escritório da rua dos Douradores, o patrão Vasques, o guarda-livros Moreira, Cascais, o Cais do Sodré —, confundindo-se, por esse ângulo, a atualização de alguma qualidade diarística. Por essa perspectiva, então, o *Livro* terá algumas semelhanças com o diário íntimo, podendo nós, em última instância, enquadrá-lo com uma certa herança romântica, no que aos diários íntimos, às confissões, aos romances confessionais e aos romances de formação diz respeito.

5. A desconstrução do autobiográfico e o “estilhaçar do mundo”

É possível, entretanto, a partir daqui estabelecer uma ligação entre os apontamentos literários, de um *eu* desassossegado e um quadro concetual ladeado pela noção de desconstrução do autobiográfico. No *Livro*, não existe a construtividade lógica de uma unidade imposta pela escrita autobiográfica (aquela mesma escrita ancorada no “belo”, no “bem” e no “verdadeiro” de que falava Lejeune), conformando-se a fragmentação efetiva do *eu*, construído de olhares diversos (olhares passados, presentes e futuros) sem unidade narrativa — constituindo assim esse *eu* o próprio movimento de fragmentação e de destruição daquilo que evoca. Repare-se num texto datado de 31 de março de 1934: “De tal modo”, escreve, “me converti na ficção de mim mesmo que qualquer sentimento natural, que eu tenha, desde logo, desde que nasce, se me transtorna num sentimento da imaginação [...]”; e modela, com mira certa: “De tal modo me desvesti do meu próprio ser, que existir é vestir-me. Só disfarçado é que sou eu. E, em torno de mim, todos os poentes incógnitos douram, morrendo, as paisagens que nunca verei” (LD 456). Ou ainda, como regista num outro fragmento:

A minha vida inteira, as minhas recordações, a minha imaginação e o que contém, a minha personalidade, tudo se me evapora. Continuamente sinto que fui outro, que senti outro, que pensei outro. Aquilo a que assisto é um espetáculo com outro cenário. E aquilo a que assisto sou eu. (LD 213)

Como se pode confirmar, o narrador do *Livro*, que (repetidamente, aliás) comparece em recorte alteronímico, acaba, em primeira instância, por anular a disposição do pacto autobiográfico, reenviando mediatamente esta questão para o contexto que rodeia o narrador e para a problematização identitária.

Ora, o equacionamento deste problema articula-se com a forma com que este narrador — que transita entre o *eu* biográfico e o *eu* ficcional, que repetidamente se reconhece *outro* e que reconhece a sua imperfeição (“no pouco que escrevo, sou

imperfeito também” [LD 85]) — faz o diagnóstico de uma civilização ocidental. E se os pressupostos que então Bernardo Soares salienta reenviam com alguma nitidez para os termos de orientação genérica que configuram um período de crise civilizacional, a tal facto não é estranho a presença de uma lógica da narrativa que segue uma coerência dispersiva, não unificadora, do narrador que — por se encarar como um eterno passageiro do próprio *eu*, que parte e que fica, que visita a cidade, conhecendo-a e nela se perdendo, por ela deambulando (e deambular significa não ter o norte, não ter uma consistência conscientemente direcional) — conduz esse narrador a interrogar a sociedade: “Espectador irónico de mim mesmo, nunca, porém, desanimei de assistir à vida”, lembra num texto datado de 2 de setembro de 1931 (LD 193)¹. E Bernardo Soares assiste à vida, sim, mostrando-se desapontado (em registo, aliás, perfeitamente atual): com a animalização do homem; com o seu paulatino desapego da “actividade superior da alma” (LD 249); com o seu progressivo abandono de “todo o respeito pelo passado” e de “toda a crença ou esperança no futuro” (LD 505); com o seu egoísmo e futilidade (LD 457); com a subversão dos “grandes propósitos” (LD 86); com a fragosa perda da “energia para lutar” pelos ideais superiores (LD 306); com a crescente “indisciplina cultural” de uma sociedade sequiosa de progresso e de “novidades” (LD 175), restando como solução derradeira a literatura — “A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida” (LD 116) —, sem que por esse caminho se considere, note-se bem, o relato autobiográfico do sujeito ou da sua experiência quotidiana².

Como se vê, estes sentimentos encontram-se abundantemente representados em muitos textos de Bernardo Soares. Como quer que seja, e como diz Dionísio Vila Maior, “o que se trata aqui essencialmente é de evidenciar, relativamente a Bernardo Soares [...], uma condição particular do sujeito perante o mundo do real, condição essa tanto mais relevante, quanto maior for a persistência do sujeito na elaboração de dominantes

¹ A marca da pluralidade comparece, como é sabido, de forma maciça na produção teórica de Pessoa. Pela voz do seu semi-heterónimo Bernardo Soares, encontramos-a igualmente de forma muito visível, quando o narrador do *Livro* se caracteriza como “sinfonia”, pela panóplia de pensamentos e sensações que lhe correm pela “orquestra oculta” que é a sua alma (LD 310) (num fragmento não datado), ou quando (num outro fragmento datado de 30 de dezembro de 1932) defende que cada indivíduo transporta consigo a marca irrefutável da pluralidade: “Cada um de nós é vários, é muitos, é uma prolixidade de si mesmos. [...] Na vasta colónia do nosso ser há gente de muitas espécies, pensando e sentindo diferentemente” (LD 396). O signo da pluralidade aparece ainda, de forma visível, noutras passagens (muitas delas não datadas) do mesmo *Livro*: quando pergunta “Meu Deus, meu Deus, a quem assisto? Quantos sou? Que é eu? O que é este intervalo que há entre mim e mim?” (LD 213); quando se refere à “ânsia insaciável e inúmera de ser sempre o mesmo e outro” (LD 343); quando esclarece que se criou “eco e abismo” (LD 93); quando afirma: “Sou dois” (LD 10), reconhecendo igualmente que “Cada um de nós é dois” (LD 504); quando, referindo-se à indiferença que o “sábio” deve ter, diz ser necessário “perceber que na nossa presença não estamos sós, que somos testemunhas de nós-mesmos” (LD 428). Significativas são também outras considerações tecidas por Soares, que asseguram uma relação do registo da *alteridade* com a viagem pelo espaço físico e pelo espaço psicológico; com o sentimento amoroso; com a duplicidade inerente ao sentir-se masculino e feminino; com as liberdades permitidas pela imaginação; com os sonhos e os desígnios escondidos; com o desdobramento do sujeito, ao colocar-se mentalmente no lugar dos outros que o rodeiam.

² Existe um leque de referências bibliográficas que abordam, em Bernardo Soares, este aspeto e outros com ele relacionados: a presença, no *Livro do Desassossego*, de «dominantes temáticas relacionadas com a crise geral do pensamento europeu», o «desencanto, a descrição da banalidade e da monotonia do real quotidiano, a fuga a esse real, a “ética da indiferença” de um sujeito “mordido pelo tédio”, a vivência do sonho, a relação com a estética decadentista, a relação com a alteridade, a “ausência radical” do *eu*, a “consciência do nada do eu e do mundo”, o “esvaziamento do ser”, a angústia, a náusea» (Vila Maior 2018, p. 78) (cf. Galhoz 1979, pp. 480-482; Galhoz 1985; Lind 1983; Lourenço 1985; Sena 1984, *passim*; Crespo 1985; Aranguren 1987; Coelho 1987, pp. 67-69; Elia 1991; Paiva 1989; Saraiva 1992, pp. 29-42).

temáticas que se vão constituindo a partir do momento em que ganha densidade estética a relação de conflito com a realidade”; e continua o mesmo autor, afirmando que, de facto, é evidente em Bernardo Soares o seu “posicionamento crítico” relativamente a uma “época ‘esvaziada’ [...] [do] respeito por cada indivíduo (onde o que fundamentalmente conta são os valores materialistas), o que conduz aquele sujeito a incidir nestes valores a sua atenção, realçando a especificidade negativa que, segundo ele, os caracteriza” (Vila Maior 2015, p. 144)³. Ou, como diz Silvina Rodrigues Lopes: “Os fragmentos do *Livro do Desassossego* começam a ser escritos quando o estilhaçar do mundo aparece como sua condição inultrapassável” (Lopes 2014, p. 55).

6. A busca identitária e a consciência do desassossego

Ora, ligando-se primordialmente este posicionamento a uma conceção que o sujeito tem da sociedade e de si mesmo — que pode, aliás, ser entendida como paradigmática na produção estético-literária de Fernando Pessoa —, a ideia acima referida pode sem dificuldade comprovar-se se tivermos em consideração a permanente questionação do sujeito estético do que primordialmente motiva essa questionação: a sua *identidade*. “Não sei o que quero ou o que não quero”, Admite Bernardo Soares num texto do *Livro* datado de 22 de agosto de 1931. E continua:

Deixei de saber querer, de saber como se quer, de saber as emoções ou os pensamentos com que ordinariamente se conhece que estamos querendo, ou querendo querer. Não sei quem sou ou o que sou. Como alguém soterrado sob um muro que se desmoronasse, jazo sob a vacuidade tombada do universo inteiro. E assim vou, na esteira de mim mesmo, até que a noite entre e um pouco de afago de ser diferente ondula, como uma brisa, pelo começo da minha impaciência de mim. (LD 184)

Note-se, sobretudo, um Bernardo Soares que, por um lado, se procura, sem se encontrar, e, por outro, reconhece que, afinal, essa procura não é um problema apenas seu, mas de todos, ao alargar precisamente essa busca a toda a Humanidade. Trata-se, como se sabe, de um problema que revela contornos especiais, cuja reiterada menção no *Livro* parece revelar a necessidade de se assinalar as dificuldades na tentativa pelo sujeito de definição de si⁴. E o que parece indiscutível é que a preocupação de Bernardo Soares em *reconstruir*

³ Por outro lado, não podemos tão pouco esquecer a indiferença de um sujeito que foge ao real, concentrando-se precisamente nessa fuga algumas das linhas temáticas e ideológicas capitais que orientam outras atitudes semelhantes. Essa indiferença, intensifica-a Bernardo Soares através de formulações de teor niilista. “Eu não sou nada” (LD 187), “não sou ninguém” (LD 262), “sou nulo, negativo, intervalar” (LD 441), podem, a este nível, considerar-se como exemplos elucidativos (no caso do *Livro*) dos termos verdadeiramente pessimistas com que Bernardo Soares se caracteriza.

⁴ Recorde-se como essa tentativa aparece, de forma muito vinculada, e insistente, com o sujeito poético Pessoa. Senão, atentemos em algumas das formulações mais importantes (muitas delas escritas entre 1928 e 1934), que, na esfera poética pessoana, registam a veemência com que o sujeito esteticamente representa uma faceta do problema da crise do sujeito — a qual, mais não fosse só por isso, ganha neste contexto uma considerável importância, reforçada pelas interrogações inerentes à busca da identidade por parte de quem parece sofrer por não se encontrar: “ignorado existo” (Pessoa 1986a, p. 223); “Que sou eu?” (Pessoa 1986a, p. 253); “Eu quem sou [...]?” (Pessoa 1986a, p. 338); “[...] quem sou, o que sou [...]?” (Pessoa 1986a, p. 198); “Quem sou [...]?” (Pessoa 1986a, p. 372); “Quem me dirá quem sou?” (Pessoa 1986a, p. 235); “[...] que é feito de mim?” (Pessoa 1986a, p. 272); “[...] não sou o que sou” (Pessoa 1986a, p. 278); “[...] não sei o que sou” (Pessoa 1986a, p.170); “Nem a mim eu me conheço” (Pessoa 1986a, p. 286); “[...] já nem sei de mim” (Pessoa 1986a, p. 295); “Que fiz de mim?” (Pessoa 1986a, p. 318); “[...] nem sei o que sou” (Pessoa 1986a, p. 243); “[...] não sei quem hei-de ser” (Pessoa 1986a, p. 340); “Sabes quem sou? Eu não sei” (Pessoa 2000, p. 57).

um indubitável “estilhaçar do mundo” e em *reconstruir-se* passa ainda pelo vigor estético-literário com que vai divagando constantemente sobre núcleos temáticos que (enunciados com o recurso a formulações que remetem para imagens enquadradas por estigmas de uma profunda negatividade) traduzem cenários de angústia, de ceticismo, de inquietude, de desassossego.

O Livro nasce precisamente de uma palavra: “desassossego”; e desde a primeira referência n’A Águia, em 1913 (*Na floresta do alheamento*), ou posteriormente em diversas cartas — dirigida quer a João Lebre Lima (3 Maio de 1914), na qual, referindo-se ao Livro, diz ser a “inquietação” e a “incerteza” “a sua nota predominante”, quer a Armando Côrtes-Rodrigues (2 de setembro de 1914), onde identifica o seu Livro como “produção doentia” —, o Livro do Desassossego é visto como uma espécie de livro com tonalidade decadentista. Não deve, contudo, entender-se essa tonalidade como se de uma poética da evasão se tratasse, antes como o reconhecimento constante, por Bernardo Soares, de fendas na busca da sua identidade — que nunca encontra. “Tornei-me uma figura de livro, uma vida lida”, confessa; e completa, logo a seguir: “O que sinto é (sem que eu queira) sentido para se escrever que se sentiu” (LD 193). Assim, pela consciência do mundo do real, bem como pela tentativa de revelação tantas vezes irónica de si mesmo, de um *eu* que se percebe como não *eu*, esta questão remete para a *intencionalidade* e para a *percepção* inerentes à autoconsciência do sujeito — o que, em termos fenomenológicos, nos reenvia, imediatamente, para a “*problemática da correlação*”, ou, como escreve também Lyotard, para “o conjunto dos problemas suscitados pela relação do pensamento ao seu objecto” (Lyotard 1986, p. 21). Adquiridos os princípios de que, neste caso, o objeto de conhecimento do sujeito é ele próprio e de que a autoconsciência pressupõe uma autoconsciencialização *intencional* de si mesmo, importa, de facto, não esquecer o princípio da unidade que o sujeito pensa poder atingir com essa autoconsciencialização; ou, como sublinha Lyotard, evocando as posições de Husserl sobre a percepção da *coisa* (do real) pelo *Eu*, “a coisa, tal como me é dada pela percepção, está sempre aberta a horizontes de indeterminação” (Lyotard 1986, p. 26).

Estas linhas de força ganham, neste contexto, uma especial operacionalidade, quando, por uma discursividade particular de teor fundamentalmente estético-literário, Bernardo Soares ajusta a consciencialização da realidade ao investimento de uma prática cognoscitiva a que uma dimensão gnosiológica não é alheia — como, aliás, Fernando Pessoa confirma num estudo (sem data) sobre a metafísica: “Do nosso grau de consciência do exterior nasce o nosso grau de c(onsciê)ncia do interior” (1993, p. 408). E tudo isto acaba por nos conduzir, afinal, à consciência que o sujeito possa ter do significado do seu próprio desassossego (“O que tenho sobretudo é cansaço, e aquele desassossego que é gémeo do cansaço quando este não tem outra razão de ser senão o estar sendo” [LD 337]) e do ato de escrever.

Por um lado, esse desassossego é frequentemente associado à mágoa provocado pelo desejo de atingir o quimérico, como escreve num fragmento datado de 3 de setembro de 1931, que a este nível se pode considerar paradigmático:

Os sentimentos que mais doem, as emoções que mais pungem, são os que são absurdos — a ânsia de coisas impossíveis, precisamente porque são impossíveis, a saudade do que nunca houve, o desejo do que poderia ter sido, a mágoa de não ser outro, a insatisfação da existência do mundo. Todos estes meios-tons da consciência da alma criam em nós uma paisagem dolorida, um eterno sol-pôr do que somos. (LD 196)

Como se pode ver, este testemunho de Bernardo Soares assume, neste contexto, um significado especial, já que ele reenvia para um problema importante: o fracasso (a “paisagem dolorida”) com que o sujeito se debate no simples desejar (a “ânsia”) aquilo

que possa reconhecer como impossível de ser conseguido (“saudade do que nunca houve”, “o desejo do que poderia ter sido”, “a mágoa de não ser outro”, “a insatisfação da existência do mundo”). Com esse fracasso surge, então, o “desassossego”, uma permanente e ininterrupta tristeza, resumada na imagem do “eterno sol-pôr” com que Soares ilustra aquele insucesso.

7. Viver pela escrita e a dimensão divina do sujeito “sonhador”

Entretanto, reveladora é de igual modo uma outra ideia central que distingue umbilicalmente o *Livro do Desassossego*: a valorização da expressão literária (capaz de chegar onde a realidade não chega), só se tornando “real” a vida com a literatura. Por essa ideia se poderá entender que o *Livro* acaba por corporizar um objetivo de vida de Bernardo Soares: viver pela escrita, noção que permite perfilhá-lo como alguém para quem viver não será preciso, ou para quem escrever é preciso. Escrever é, portanto, a sua vida, sendo no palco da expressão literária que o problema da definição do seu *eu* se coloca de forma mais premente. Fernando Pessoa considera-o, ao defender (num texto sem data) não só que, na Literatura (e pelo facto de esta existir em função da sua “matéria, a linguagem”), se refletem “todos os conhecimentos humanos” e “as somas das emoções mais profundas” (Lopes, 1990, p. 106), mas também (como explica numa carta em inglês, de provavelmente 1915, endereçada a William A. Bentley) a possibilidade de na Literatura se poderem concentrar (daí dependendo a sua grandeza, segundo o poeta) todos os aspetos de todas as culturas (Pessoa 1996, p. 75), como ainda (pela voz do nosso Bernardo Soares, num texto não datado) que os prazeres que a Literatura possibilita ao Homem são mais “nobres” e superiores a qualquer outra realidade, mesmo se por esta considerarmos a realidade da vida (LD 232). Por outros fragmentos reafirma variavelmente a mesma ideia: “Há metáforas que são mais reais do que a gente que anda na rua” (LD 157); “[...] escrevo palavras como a salvação da alma [...]” (LD 4); “Escrever é esquecer. A literatura é a maneira mais agradável de ignorar a vida” (LD 116); “Mais vale escrever do que ousar viver [...]” (LD 170); “Escrever é como a droga que repugno e tomo, o vício que desprezo e em que vivo” (LD 269); “Escrevo como quem dorme, e toda a minha vida é um recibo por assinar” (LD 140); “[...] Quando escrevo, visito-me solenemente” (LD 341); “Só os meus amigos espectrais e imaginados, só as minhas conversas decorrentes em sonho, têm uma verdadeira realidade e um justo relevo [...]” (LD 49)...

Neste contexto, recorrendo a estes testemunhos variavelmente expressos por Bernardo Soares, pode dizer-se, em conclusão, que nos encontramos numa importante etapa de clarificação do seu *Livro do Desassossego*, pelo dinamismo vital que nele é suscetível de perspetivar no que à *representação* literária diz respeito. E, mais do que qualquer *outro eu* pessoano, é Bernardo Soares quem postula com mais insistência e vigor essa atitude. Por diversas vezes ele a torna presente no *Livro*: ao sublinhar que as suas preocupações de escrita se inscrevem preferencialmente num âmbito dominado por referências que representam uma atitude de desprendimento para com a realidade factual; ao interpretar a sua atividade de escrita do seu “livro casual e meditado” (LD 13) como a atividade de alguém que se afirma no anonimato e no isolamento dos seus sonhos e do seu quarto. Para este “transeunte eterno por si mesmo” (LD 138), para este narrador que se “tornou” “uma figura de livro” (LD 193), para este “transeunte a menos na quotidianidade de ruas de uma cidade qualquer” (LD 481), para este “transeunte de corpo e alma por estas ruas baixas que vão dar ao Tejo” (LD 73), a literatura não tem outro fim que não a vivência da liberdade pelo e no ato de escrever, atributos que empresta ao “sonhador” —

que deve, contudo, ser suficientemente lúcido para não desejar mais do que aquilo que não pode alcançar. Para este “transeunte de tudo” (LD 208), “mais voz do que ser” (Jackson 2014, p. 30), não interessa “convencer o alheio entendimento”, nem “mover a alheia vontade” (LD 1), estando assim evidenciada a possibilidade de se avaliar o *Livro do Desassossego* de acordo com a cláusula literária que decididamente o coloca numa condição dialógica com o real, é certo, mas, acima de tudo, numa relação de disjunção dessa mesma realidade, pela sua consciência de o ato da escrita literária se encontrar intimamente ligado igualmente à verdade literária — circunstância que lhe permite por isso identificar-se como “a mesma prosa” que ele próprio escreve (LD 193). Não quer isso dizer, de modo algum, que se afasta definitivamente da realidade histórica (nem o poderia fazer): “Eu não fugi à vida”, diz, e explica: “[...] apenas mudei de vida e encontrei nos meus sonhos a mesma objectividade que encontrava na vida” (LD 512-b).

É então possível a partir daqui estabelecer uma ligação entre a essência literária do *Livro do Desassossego* e a conceção figurativamente deífica do sujeito que o escreve, considerando-se por essa conceção a amplificação de o *eu* (no seu desejo de “sonhador”) se “ver nitidamente” (LD 512-b). E quando Bernardo Soares escreve, é também esse papel que acaba por representar estética e literariamente, ou, como ele diz, e concluo:

O próprio Eu, o de cada um de nós, é talvez uma dimensão divina. Tudo isto é complexo e a seu tempo, sem dúvida, será determinado. Os sonhadores actuais são talvez os grandes precursores da ciência final do futuro. Não creio, é claro, numa ciência final do futuro. Mas isso nada tem para o caso. (LD 76)

Nota biográfica: Dionísio Vila Maior é Professor Associado com Agregação na Univ. Aberta (PT). Visiting-Professor: Università degli Studi di Padova e Univ. Marie Curie Skłodowska Professor-Investigador Séminaire d’Études Lusophones (Univ. Paris-Sorbonne). Coordenador de investigação no CLEPUL (Univ. Lisboa). Professor Convidado: Univ. Paris-Sorbonne; Univ. Santiago de Compostela; Univ. de São Paulo; Univ. Autónoma de Madrid; Univ. Complutense de Madrid. Coordenador Comissão Interinstitucional Instituto Fernando Pessoa e Academia Lusófona Luís de Camões. Júri da Associação Portuguesa de Escritores. Diretor de diversas Coleções. Algumas publicações: *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea em Contexto Universitário de E-learning*. Lx: Ed. Esgotadas (2021); *Sob o signo de Calíope. Sentidos Modernistas*. Roma: Aracne (2018); *100 Futurismo*. Lx: Edições Esgotadas (2018); *100 Orpheu* (Coord. em colab.), Lx, Ed. Esgotadas (2016); *O Sujeito Modernista — Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Almada Negreiros e António Ferro: Crise e Superação do Sujeito*. Lx: Univ. Aberta (2003); *Fernando Pessoa: Heteronímia e Dialogismo*. Coimbra, Almedina (1994).

Endereço de e-mail: dionisiovm@gmail.com

Agradecimentos: Agradeço ao Centro de Literaturas Lusófonas e Europeias (CLEPUL), da Universidade de Lisboa, pelo suporte financeiro para a pesquisa que me permitiu escrever este artigo.

Bibliografia

- Adorno T.W. s/d, *Teoria estética*, Lisboa, Edições 70.
- Aiex A. 1985, *O Livro do Desassossego e a crise do pensamento europeu*, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Centro de Estudos Pessoaanos, Porto, pp. 15-24.
- Aranguren M.I. 1987, *Fernando Pessoa, el desasosiego y su ética*, in “Anthropos” 74/75, pp. 112-118.
- Bakhtine M. 1978, *Esthétique et théorie du roman*, Gallimard, Paris.
- Barros M. de 1997, *Livro sobre nada*, 3ª ed., Record, Rio de Janeiro.
- Blanchot M. 1962, *L’espace littéraire*, Gallimard, Paris.
- Blanchot M. 1997, *A literatura e o direito à morte*, in *A parte do fogo*, Trad. Ana Maria Scherer, Rocco, Rio de Janeiro, pp. 289-330.
- Blanchot M. 2005, *O diário íntimo e a narrativa*, in *O livro por vir*, Trad. De Leyla Perrone Moisés, Martins Fontes, São Paulo, pp. 270-278
- Bresciani M.S.M. 1985, *Metrópoles: As Faces do Monstro Urbano (as cidades no século XIX)*, in “Cultura e Cidades. Revista Brasileira de História” 8-9, pp. 35-68.
- Cardinal R. 1990, *Unlocking the diary*, in “Comparative Criticism” 12, pp. 71-87.
- Coelho E. do P. 1983, *Pessoa/Soares e a cultura em língua francesa*, in “Persona” 8, pp. 16-20.
- Coelho J.P. 1987, *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa*. 9ª ed., Editorial Verbo, Lisboa.
- Coelho N.N. 1995, *O Livro do Desassossego: “Grau Zero” da Heteronímia Fernandina?*, in “Estudos Portugueses” 5, pp. 143-153.
- Crespo Á. 1985, *El paganismo y el problema de los heterónimos en el Livro do Desassossego*, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Centro de Estudos Pessoaanos, Porto, pp. 133-148.
- Elia S. 1991, *O existencialista Bernardo Soares*, in *Estudos Portugueses. Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*, Difel, Lisboa, pp. 719-741.
- Fernandes A.M.F. 2016, *A confessionalidade francesa e Bernardo Soares*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa.
- Ferraria A. 2016, *Bernardo Soares: desassossego e eternidade*, in “Revista Desassossego” 15, pp. 165-177.
- Galhoz M.A. 1979, *Sobre o Livro do Desassossego*, in *Actas do 1º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Centro de Estudos Pessoaanos, Brasília Editora, Porto, pp. 473-491.
- Galhoz M.A. 1985, *Fernando Pessoa e a ficção (?) de um real (quotidiano) para Bernardo Soares no seu Livro do Desassossego — o pequeno espaço da felicidade*, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Centro de Estudos Pessoaanos, Porto, pp. 169-177.
- Gil J. 1994, *O Espaço Interior*, Editorial Presença, Lisboa.
- Hamburguer K. 1973, *The Logic of Literature*, Indiana University Press, Bloomington.
- Hesíodo 1986 *Teogonia*, K&K, Rio de Janeiro.
- Jackson K.D. 2014, *O Livro do Desassossego e o Journal Intime*, in Martins P. A., Anghel G. e Guerreiro F. [Orgs.], *Central de Poesia. O Livro do Desassossego*, CLEPUL, Lisboa, pp. 21-32
- Jacoto L. 2016, *Do desassossego ou a geometria do abismo*, in Vila Maior D., Rita, A. [Orgs.], *100 Orpheu*, Edições Esgotadas, Lisboa, pp. 377-385
- Jaeger W. 1989, *Paidéia*, Martins Fontes, São Paulo.
- Lejeune Ph. 1975, *Le Pacte Autobiographique*, Éditions du Seuil, Paris.
- Lind G.R. 1983, *O Livro do Desassossego — um breviário do decadentismo*, in “Persona” 8, pp. 21-27.
- Lopes T.T. 1990, *Pessoa por conhecer — Textos para um novo mapa*, V.II, Editorial Estampa, Lisboa.
- Lopes S.R. 1984, *A ficção da memória e a inscrição do esquecimento no Livro do Desassossego*, in “Colóquio/Letras” 77, pp. 19-26.
- Lopes S.R. 2014, *Escrita do desassossego, movimento insone*, in Martins, P.S., Anghel G. e Guerreiro F. [Orgs.], *Central de Poesia. O Livro do Desassossego*, CLEPUL, Lisboa, pp. 49-61.
- Lourenço E. 1985, *O Livro do Desassossego, texto suicida*, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Centro de Estudos Pessoaanos, Porto, pp. 347-361.
- Lyotard J.-F. 1986, *A Fenomenologia*, Edições 70, Lisboa.
- Maia T. 2014, *Órfão espiritual*, in Martins, P.S., Anghel G. e Guerreiro F. [Orgs.], *Central de Poesia. O Livro do Desassossego*, CLEPUL, Lisboa, pp. 199-212.
- Margarido A. 1985, *Bernardo Soares: escrever é existir*, in “Colóquio/Letras” 88, pp. 78-87.
- Martins F.C. 2014, *O Livro do Desassossego e a escrita heteronímica*, in Martins, P.S., Anghel G. e Guerreiro F. [Orgs.], *Central de Poesia. O Livro do Desassossego*, CLEPUL, Lisboa, pp. 43-48.
- Paiva J.R. 1989, *Pessoa / Soares: Uma poética do desassossego*, in “Estudos Portugueses” 1, pp. 17-28.
- Pêgo M.I.M. 2006, *A unidade múltipla de Bernardo Soares no Livro do Desassossego*, Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra/Faculdade de Letras, Coimbra.

- Perrone-Moisés L. 1990, *Apontamentos sobre a poética do fragmento na prosa de Bernardo Soares*, in *Encontro Internacional do Centenário de Fernando Pessoa*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, pp. 84-87.
- Pessoa F. 1986a, *Obras de Fernando Pessoa*, Organização de António Quadros, Vol. I, Lello & Irmão Editores, Porto.
- Pessoa F. 1986b, *Obras de Fernando Pessoa*, Organização de António Quadros, Vol. II, Lello & Irmão Editores, Porto.
- Pessoa F. 1986c, *Obras de Fernando Pessoa*, Organização de António Quadros, Vol. III, Lello & Irmão Editores, Porto.
- Pessoa F. 1993, *Pessoa Inédito*, Coordenação de Teresa Rita Lopes, Livros Horizonte, Lisboa.
- Pessoa F. 1996, *Correspondência Inédita*, Organização de Manuela Parreira da Silva, Livros Horizonte, Lisboa.
- Pessoa F. 2000, *Edição crítica de Fernando Pessoa – Poemas de Fernando Pessoa 1934-1935*. Vol. I, Tomo V, Edição de Luís Prista, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Lisboa.
- Portela M. 2017, *Atos de Escrita no Livro do Desassossego*, in *Congresso Internacional Fernando Pessoa*, Casa Fernando Pessoa, Lisboa, pp. 224-239.
- Portela M.; Silva, A.R. [Orgs.] 2017, *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*, Coimbra, Centro de Literatura Portuguesa da Universidade de Coimbra. <https://ldod.uc.pt/>
- Reis C. e Lopes A.C.M. 1987, *Dicionário de Narratologia*, Livraria Almedina, Coimbra.
- Ricoeur P. 2007, *A memória, a história, o esquecimento*, Tradução Alain François, Editora Unicamp, Campinas.
- Rocha C. 1985, *O “Livro do Desassossego”: conversa inacabada*, in “Cadernos de Literatura” 21, pp. 42-49.
- Rodrigues M.A. 2009, *As formas de escrita do eu no Livro do Desassossego, de Fernando Pessoa*, in “Revista de Literatura, História e Memória” 5 [5], pp. 11-24.
- Saraiva M. 1992, *Pessoa ele próprio*, Clássica Editora, Lisboa.
- Seixo M.A. 1986, *O Livro do Desassossego e as ficções da intimidade*, in *A Palavra e o Romance. Ensaio de Genealogia e Análise*, Livros Horizonte, Lisboa, pp. 34-40
- Sena J. de 1984, *Fernando Pessoa e Cª Heterónima*, 2ª ed., Ed. 70, Lisboa.
- Simões J. G. 1985, *O Livro do Desassossego, um falso “diário íntimo”*, in *Actas do 2º Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*, Centro de Estudos Pessoaanos, Porto, pp. 579-586.
- Soares B., *Arquivo LdoD: Arquivo Digital Colaborativo do Livro do Desassossego*, <https://ldod.uc.pt/> (20.02.2020)
- Tasca N. 1987, *L’effet sujet (a propos du ‘Livro do Desassossego’ de Fernando Pessoa)*, in *Arquivos do Centro Cultural Português*, V.XXIII, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa-Paris, pp. 783.
- Vila Maior D. 2015, *Literatura da viagem em tonalidade modernista*, in Carvalho J.C. [Coord.]. *A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e a Perenidade da Literatura de Viagens*, Clepul/Ieccpma, Lisboa, pp. 143-162.
- Vila Maior D. 2018, *Camilo Pessanha e a representação interseccionista do espírito subjetivo*, in Rodrigues E. [Org]. *1867 – Um ano de gigantes: Raul Brandão, António Nobre e Camilo Pessanha*, Clepul, Lisboa, pp. 77-88.